

Empresários estão mais otimistas

Pela primeira vez em dois anos os dirigentes de empresas aprovam a política econômica

ISABEL DIAS DE AGUIAR

Uma pesquisa feita pela Câmara Americana de Comércio de São Paulo entre seus associados indicou uma surpreendente mudança nas expectativas dos empresários. Apesar da inflação acima de 40% e das "ameaças políticas" à execução do Plano FHC2, o grau de confiança e de otimismo é positivo, segundo as respostas obtidas na consulta mensal feita em março. Pela primeira vez em quase dois anos, os dirigentes de empresas indicaram que aprovam a política econômica e que esperam significativa recuperação nas atividades.

Esse ambiente favorável não repercute, por enquanto, em planos para o futuro, segundo a observação de analistas de mercado e dos próprios empresários. O ingresso de capital estrangeiro no País se limita a investimentos no mercado de capitais com fins especulativos. Mesmo assim, com a instabilidade das cotações nas bolsas nos principais centros financeiros e alta das taxas de juros no mercado internacional, o interesse pelas bolsas e pelas aplicações em empresas brasileiras arrefeceu.

Balanco divulgado sexta-feira pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM) mostra, pela primeira vez em seis meses, saldo negativo (de US\$ 14,37 milhões) entre as entradas e saídas de investimentos estrangeiros institucionais.

Tampouco as empresas brasileiras continuam buscando reforço de caixa no Exterior, como vinham fazendo de forma acelerada no ano passado. Apesar das taxas de juros convidativas, do ponto de vista dos empresários brasileiros, o medo de uma mudança de um quadro de conjuntura internacional, associado à instabilidade econômica, leva à cautela. "Por enquanto, aos olhos dos investidores estrangeiros, o Brasil tem um potencial infinito", disse o presidente

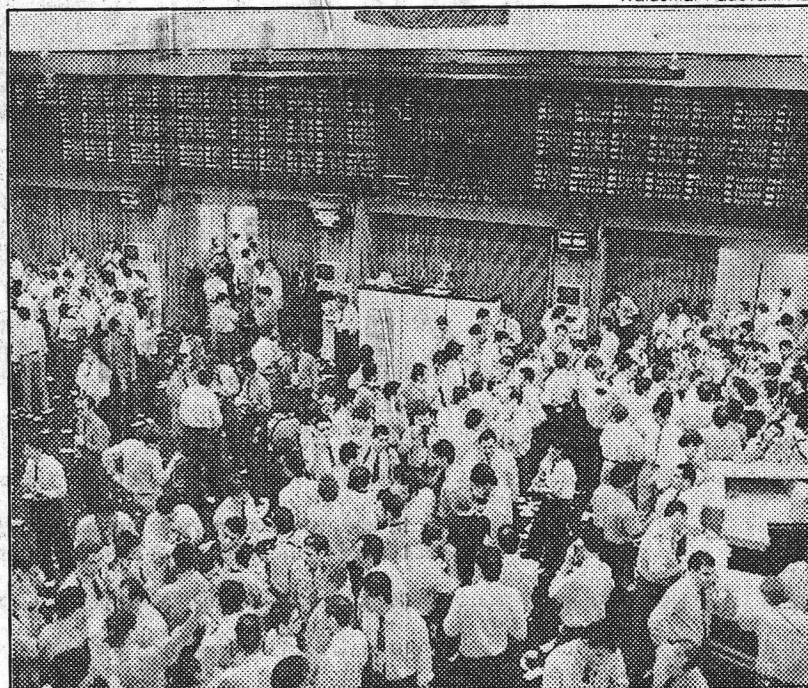
A ENTRADA DE CAPITAL ESTRANGEIRO NO PAÍS SE LIMITA AO MERCADO ESPECULATIVO

da Brasilpar, Roberto Teixeira da Costa. Ele não acredita que o investidor estrangeiro se anime a trazer capital para o Brasil antes de uma definição do quadro político e de conjuntura econômica.

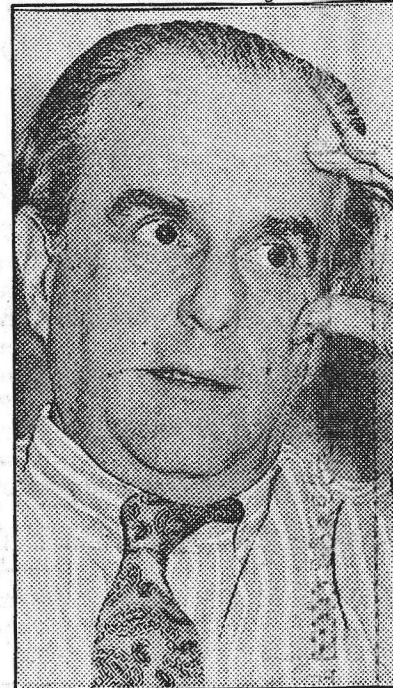
Essa também é a opinião do vice-presidente-executivo da Câmara Americana de Comércio, John Mein. Para ele, alguns setores definiram claramente seu papel no mercado, como a indústria automobilística, que vem sendo cobiçada pelos investidores internacionais. Mas antes da chegada de eventuais concorrentes, as empresas instaladas no País estão tratando de garantir a dianteira. Exemplo disso é a General Motors, que mantém um projeto

ambicioso de expansão que, de acordo com a última revisão, deverá absorver US\$ 1,1 bilhão para a construção de nova fábrica e o lançamento de pelo menos um modelo a cada seis meses.

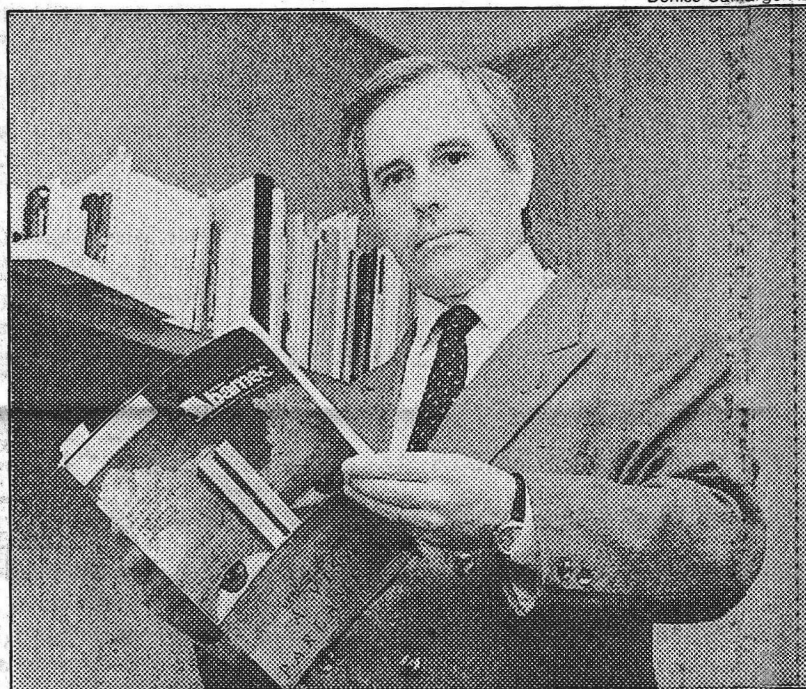
Mas nenhum centavo dessa verba programada para investimentos nos próximos cinco anos pela GM virá do Exterior. A empresa informa que são recursos próprios, produto dos resultados operacionais alcançados nos últimos anos. A matriz norte-americana não



Instabilidade nas bolsas afasta os investidores estrangeiros



Teixeira: "A porta é estreita"



Sá: cenário projetado pelos investidores é de recuperação lenta

contribuirá para a expansão das atividades da GM no Brasil.

As atenções dos investidores internacionais estão voltadas para o mercado interno brasileiro, analisa o ex-ministro da Fazenda Luiz Carlos Bresser Pereira. Os capitalistas estrangeiros, segundo Bresser, é de compasso de espera. Tão longo o mercado interno dê sinais de aquecimento, na sua opinião, haverá uma revoadada na direção do setor produtivo.

Mas para Teixeira da Costa, "a porta de entrada do Brasil é es-

treita". Quando a situação de mercado se tornar favorável, o capital estrangeiro poderá encontrar dificuldade para se localizar por aqui. Essa é a razão, segundo o presidente da Brasilpar, pela qual os investidores estrangeiros procuram manter carteiras no mercado de capitais. O presidente da CVM, Thomas Tosta de Sá, concorda com Teixeira da Costa. Ele diz que o cenário projetado pelos investidores estrangeiros é de recuperação lenta da economia, o que exige aplicações de médio e longo prazo.